



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/ DEDC/CAMPUS I
CURSO DE PEDAGOGIA

MÉRCIA CAROLINE ARAÚJO LOPES SILVA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DE ALFABETIZAÇÃO
DO PROGRAMA DE APOIO À APRENDIZAGEM (PAAP) NO PERÍODO PÓS
REMOTO**

ORIENTADORA: ÉDIVA DE SOUSA MARTINS
COORIENTADORA: DAYSE LAGO DE MIRANDA

SALVADOR- BA

2024

MÉRCIA CAROLINE ARAÚJO LOPES SILVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Bahia – Campus I, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob orientação da prof^a Édiva de Sousa Martins, e coorientação da prof^a Dayse Lago de Miranda.

**SALVADOR-BA
2024**

RESUMO

O tema do presente trabalho de conclusão de curso (TCC) aborda as dificuldades de aprendizagem enfrentadas por estudantes de alfabetização no período pós-ensino remoto, um cenário resultante da pandemia de Covid-19, em uma Escola da Rede Municipal de Ensino da cidade de Salvador. Durante o período de isolamento, muitas crianças, especialmente aquelas em processo de alfabetização, foram privadas do ensino presencial e tiveram acesso limitado ao ensino remoto, causando uma defasagem significativa em suas habilidades de leitura e escrita. O estudo busca analisar as consequências dessa interrupção no processo de alfabetização, com o objetivo de entender as dificuldades apresentadas pelos estudantes. A pesquisa, realizada dentro do Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP), de metodologia qualitativa, Vieira e Zouain (2005), aliada a pesquisa-ação, Tripp (2005), visa identificar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos, refletir sobre as práticas pedagógicas adotadas e compartilhar estratégias utilizadas para o avanço no desenvolvimento da leitura e escrita, com o objetivo de contribuir para a melhoria do processo de alfabetização na atualidade. A pesquisa teve como foco a análise das atividades de leitura, escrita e compreensão textual, com o objetivo de identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de aprendizagem. Durante o estudo, ficou evidente que as dificuldades não se limitam ao reconhecimento de letras e sons, mas também à compreensão global dos textos. Muitos estudantes apresentaram dificuldades tanto na decodificação das palavras quanto na construção do significado ao ler textos simples. Esses achados reforçam a necessidade de um trabalho mais direcionado ao desenvolvimento da consciência fonológica e à prática constante e contextualizada de leitura e escrita. A pesquisa destacou a importância de observar atentamente e ajustar as atividades conforme as necessidades dos alunos, compreendendo a relevância de desenvolver metodologias que incentivem a reflexão sobre o funcionamento da língua e favoreçam a construção de um aprendizado sólido e significativo, permitindo uma visão mais crítica e reflexiva sobre a prática pedagógica, o que contribuiu para um entendimento mais profundo do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização; Ensino Remoto; Dificuldades de Aprendizagem; Defasagem Escolar.

ABSTRACT

This study focuses on the learning difficulties faced by literacy students in the post-remote learning period, a situation arising from the COVID-19 pandemic, at a school in the Municipal Education Network in the city of Salvador. During the isolation period, many children, especially those in the process of literacy, were deprived of face-to-face instruction and had limited access to remote education, resulting in significant gaps in their reading and writing skills. The research aims to analyze the consequences of this disruption in the literacy process, with the goal of understanding the difficulties presented by students. The study, conducted within the Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP), uses a qualitative methodology, Vieira e Zouain (2005), combined with action research, Tripp (2005), seeks to identify the learning challenges presented by the students, reflect on the pedagogical practices adopted, and share strategies used for advancing literacy development, with the aim of contributing to the improvement of the literacy process in the present day. The research aimed to analyze activities related to reading, writing, and text comprehension, with the goal of identifying the main difficulties faced by students in the learning process. Throughout the study, it became clear that the difficulties are not limited to recognizing letters and sounds, but also involve the global understanding of texts. Many students encountered challenges both in decoding words and in constructing meaning when reading simple texts. These findings highlight the need for more focused work on developing phonological awareness, as well as continuous and contextualized reading and writing practice. The research emphasized the importance of closely observing and adjusting activities according to the students' needs. It became evident that developing methodologies that encourage reflection on the functioning of language and promote the construction of solid and meaningful learning is crucial. This approach enables a more critical and reflective view of pedagogical practice, which, in turn, contributes to a deeper understanding of the teaching-learning process.

Keywords: Literacy; Remote Learning; Learning Difficulties; School Gap.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Atividade interpretação textual, aluna Ana.....	38
Imagem 2 – Atividade interpretação textual, aluna Maria.....	39
Imagem 3 – Atividade interpretação textual, aluno João.....	40
Imagem 4 – Atividade separação silábica, aluna Maria, dia 30/09.....	42
Imagem 5 – Atividade separação silábica, aluna Maria, dia 21/10.....	42
Imagem 6 – Atividade ordem alfabética aluna Maria, dia 30/09.....	43
Imagem 7 – Atividade ordem alfabética aluna Maria, dia 21/10.....	44
Imagem 8 – Atividade ordem alfabética aluna Maria, dia 12/11.....	45
Imagem 9 – Atividade diagnóstica dia 05/04, ditado de palavras.....	46
Imagem 10 – Atividade diagnóstica dia 03/05, ditado de palavras.....	46
Imagem 11 – Atividade diagnóstica dia 23/08, ditado de palavras.....	48
Imagem 12 – Atividade diagnóstica dia 02/10, ditado de palavras.....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-COCONCEITUAL DA INVESTIGAÇÃO.....	11
2.1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES, MÉTODOS E PRESSUPOSTOS.....	11
2.2 A DIDÁTICA DO ALFABETIZAR LETRANDO.....	15
2.3 A ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	21
3. METODOLOGIA.....	26
3.1 REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES E AVANÇOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO PAAP DE SALVADOR: ANÁLISE DOS DADOS.....	30
3.1.1 Explorando Estratégias de Ensino para a Alfabetização: Análise das Atividades Realizadas.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização no Brasil enfrenta desafios complexos que afetam a qualidade da educação básica no país. Apesar dos esforços empreendidos ao longo das últimas décadas, ainda persistem altos índices de analfabetismo funcional e deficiências na capacidade de leitura e escrita entre crianças, jovens e até mesmo adultos.

Um dos principais problemas é a falta de investimento adequado na formação de professores e na infraestrutura escolar, especialmente em regiões mais carentes. Além disso, há questões estruturais no sistema educacional, como a falta de materiais didáticos adequados, métodos de ensino defasados e a desigualdade de acesso à educação de qualidade.

Outro desafio importante é a questão da desigualdade social, que se reflete no acesso desigual à educação e nas condições socioeconômicas das famílias. Crianças em situação de vulnerabilidade enfrentam mais dificuldades para frequentar a escola regularmente e para obter o suporte necessário para aprender a ler e escrever.

Superar esses desafios requer um esforço conjunto do governo, da sociedade civil, das instituições educacionais e de outros atores relevantes. É fundamental investir em políticas públicas eficazes, capacitação de professores, melhoria da infraestrutura escolar e medidas que reduzam as desigualdades socioeconômicas, visando garantir a todos o direito a uma educação de qualidade e o pleno desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita.

Nesse contexto, a pandemia da Covid 19¹, que abalou todo o mundo nos impedindo de ir e vir afetando shoppings, bares, parques, restaurantes e algo de extrema importância, que são as escolas, interferiu de maneira crucial no ensino das crianças. Com as escolas vazias e os estudantes impedidos de sair de suas casas, a única solução foi a implementação de um ensino remoto emergencial, ou seja, as aulas eram transmitidas de forma *online* por meio de celulares e computadores.

¹ A COVID-19 é uma doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, China. A pandemia gerou uma crise sanitária global, com impactos significativos na saúde pública, economia e vida social, levando a medidas como quarentenas, distanciamento social e campanhas de vacinação em massa.

Diante deste contexto, a falta do contato presencial afetou negativamente o rendimento escolar, pois nem todas as crianças tiveram possibilidade real e condições de continuar e acompanhar as aulas desta forma, fazendo com que parassem seus estudos e no caso das crianças série de alfabetização, tivessem esta etapa que é tão importante da jornada escolar, interrompida e posteriormente ao voltar as escolas, no período pós pandemia, apresentar uma alfabetização defasada.

Essa defasagem, apesar de sempre ter existido, foi ampliada devido ao período remoto, segundo os dados do IDEB - (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) ² 2023, em que demonstra a análise sobre as variações do Ideb e da Nota Saeb entre 2019 e 2023 das redes municipais e estaduais.

Em relação aos anos iniciais, portando, as redes municipais, o panorama do IDEB, revela que, 2.030 delas tiveram queda no Ideb dos Anos Iniciais entre 2019 (pré-pandemia) e 2023. Outras 399 apresentaram estagnação no indicador, e 2.620 avançaram. Enquanto isso, o SAEB mostra que 2.893 tiveram redução na Nota Padronizada das avaliações do Saeb dos Anos Iniciais entre 2019 e 2023, enquanto 2.158 evoluíram.

Partindo deste pressuposto, se faz necessidade tratar sobre os reflexos deixados pela pandemia no processo de alfabetização de crianças que vivenciaram o ensino remoto emergencial, quais os impactos na aprendizagem dos mesmos e quais as estratégias mais eficazes para recuperar as aprendizagens perdidas.

Vários estudos foram realizados no Brasil, com o intuito de compreender esse período e buscar alternativas para o enfrentamento das dificuldades advindas do contexto vivenciado. Em geral, são trabalhos que discutem como o ensino remoto foi um desafio no processo de alfabetização de crianças que iniciaram o ensino fundamental durante a pandemia da Covid-19, identificando uma grande carência

² O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) é um indicador que mede a qualidade da educação básica no Brasil, considerando o desempenho dos alunos em provas de avaliação (como o SAEB) e os dados de aprovação nas escolas, como taxas de aprovação e distorção idade-série.

O SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) é uma avaliação realizada pelo Ministério da Educação (MEC) para medir o desempenho dos estudantes da educação básica em áreas como matemática e português. Os resultados do SAEB são utilizados para calcular o IDEB e para ajudar na formulação de políticas educacionais.

educacional nesses estudantes e como isso trouxe ainda mais a necessidade da preparação de professores para pensar novas estratégias para reparar esse impacto. Estudos confirmam que, apesar de existirem trabalhos que relacionam a etapa de alfabetização com o período pandêmico, há ainda muito o que falar e contribuir para o meio acadêmico e a sociedade em geral (Queiroz, Souza e Paula, 2021; Borges, 2024; Moises e Pereira, 2023; Damasceno, Dias e Chaves, 2022; Santos e De Jesus, 2017).

O meu interesse pela temática surge pela minha participação no Programa de Apoio à Aprendizagem - PAAP, promovido pela Secretaria Municipal de Educação - SMED, da Prefeitura de Salvador, Bahia, que tem como objetivo diminuir a defasagem na aprendizagem de alfabetização e matemática de alunos/as do 3º à 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, que foi alargada na época pandêmica, com uma abordagem caracterizada como reforço escolar focadas na leitura, escrita e matemática básica, conforme descrito em sessão posterior deste TCC.

Entrei neste programa em maio de 2022 como estagiária de Pedagogia, atuando nas turmas do 3º e 4º ano do Fundamental I. Fui orientada a atuar principalmente na questão da alfabetização destas crianças, auxiliando nas principais dificuldades apresentadas por elas, além de trabalhar um pouco das suas dificuldades em matemática, mas de uma maneira menos frequente do que na escrita e leitura.

Levando em consideração que este é um tema relativamente novo na sociedade acadêmica, visto que a pandemia, e, portanto, o ensino remoto aconteceu há apenas quatro (04) anos, e considerando que, apesar de diversas pesquisas tratando dos efeitos no ensino remoto, ainda é necessário continuar a analisar a etapa da alfabetização na retomada após o ensino *online*, o presente estudo busca contribuir para os estudos na área de alfabetização, que é uma área extensa e de constante desenvolvimento de métodos e mudanças.

A pesquisa partiu do seguinte problema: Quais os impactos na aprendizagem das crianças que passaram o período da alfabetização de forma remota e como foi/está sendo a retomada de ensino no processo de alfabetização no período pós remoto?

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o processo de alfabetização de crianças no ensino pós remoto, elencando as principais dificuldades

e a forma de enfrentamento para o avanço dessas crianças na aprendizagem de leitura e escrita.

Como objetivos específicos propomos: Identificar as dificuldades apresentadas pelas crianças atendidas pelo PAAP em relação aos níveis de conhecimentos da linguagem escrita; refletir sobre a prática desenvolvida no PAAP, considerando o avanço nas aprendizagens das crianças; apresentar intervenções pedagógicas utilizadas para apoiar o avanço no aprendizado da leitura e escrita.

A primeira sessão da fundamentação teórica desta pesquisa aborda os diferentes aspectos da alfabetização e da aquisição da leitura e escrita, com o foco nas contribuições de (Soares 2016); (Goulart 2019); Gonçalves (2015). A segunda sessão, discute a visão sobre alfabetização e letramento, defendendo que ambos são processos simultâneos e interdependentes, trazendo as contribuições de (Soares 2003); (Soares 2021); (Ferreiro, E.; Teberosky, A., 1999). A terceira e última sessão da fundamentação teórica, apresenta a alfabetização segundo a Base Nacional Comum Curricular.

Nesta pesquisa, utilizarei a metodologia qualitativa, (Vieira e Zouain, 2005), integrada a uma abordagem de pesquisa-ação, (David Tripp, 2005), com o objetivo de compreender profundamente o processo de alfabetização dos alunos atendidos no Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP). A pesquisa-ação permitirá que eu reflita continuamente sobre a prática pedagógica, ajustando estratégias e intervindo conforme necessário, enquanto acompanho o desenvolvimento dos estudantes. As estratégias para coleta de dados serão baseadas nas atividades e intervenções realizadas ao longo do ano no programa, utilizando registros de desempenho dos alunos, observações em sala de aula e análise das produções dos estudantes, de modo a fornecer uma visão detalhada e contextualizada dos resultados e desafios enfrentados no processo de alfabetização.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO CONCEITUAL DA INVESTIGAÇÃO

2.10 PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES, MÉTODOS E PRESSUPOSTOS

Magda Soares, em seu trabalho de 2016, “Alfabetização: a questão dos métodos”, livro que é resultado de suas pesquisas e estudos sobre o processo de alfabetização, atreladas às suas experiências nas escolas públicas, aborda as diversas metodologias de ensino da leitura e da escrita. Apresentando uma análise crítica e aprofundada das diferentes abordagens de ensino, em uma ampla discussão sobre os métodos tradicionais e as novas propostas, como a alfabetização letrada, desmitificando ideias como, a de que existe um método único e infalível, oferecendo sugestões para a prática pedagógica, incentivando a reflexão e a adaptação das metodologias às necessidades de cada aluno.

A autora discute em sua obra a necessidade ou não dos métodos quando se trata de alfabetização, métodos esses que seriam, o conjunto de procedimentos que orientam a aprendizagem inicial da língua escrita, embasados por teorias e princípios de natureza linguística e psicológica.

Nesta obra, ela apresenta também a dualidade e discussão que foi presente por muito tempo na educação brasileira, a questão dos métodos sintéticos e analíticos. A partir do movimento construtivista, passou a ser defendido a "desmetodização", adotando assim o ensino com foco na aprendizagem e no sujeito, e não apenas o ensino de forma sistemática (Soares, 2016).

A compreensão sobre o processo de alfabetização e aquisição da escrita evoluiu ao longo do tempo, levando a novas perspectivas e abordagens no ensino da leitura e escrita. No entanto, essa evolução também pode ter gerado equívocos e debates sobre os métodos mais eficazes para alfabetizar (Soares, 2016).

Um dos equívocos que surgiu é a exclusão de métodos e conteúdos específicos da alfabetização. Por exemplo, algumas abordagens podem priorizar exclusivamente o ensino fonético, enquanto outras podem negligenciar a importância do contexto e da compreensão global da linguagem escrita. Isso pode levar a lacunas no aprendizado, já que diferentes métodos podem ser mais eficazes para diferentes tipos de alunos ou em diferentes estágios de desenvolvimento (Soares, 2016).

Além disso, há debates sobre a utilização de métodos mais tradicionais versus abordagens mais modernas e centradas no aluno. Enquanto alguns defendem a importância de técnicas mais estruturadas e diretas, outros argumentam a favor de métodos mais construtivistas, que enfatizam a descoberta e a experimentação (Soares, 2016).

Portanto, é importante reconhecer que não há uma abordagem única ou correta para a alfabetização, e que uma combinação de diferentes métodos e estratégias pode ser mais eficaz para atender às necessidades individuais dos alunos. Em suma, enquanto os métodos de alfabetização são fundamentais para o ensino eficaz da leitura e escrita, é importante reconhecer que eles também podem ter limitações e equívocos associados.

Uma abordagem equilibrada, flexível e contextualizada é essencial para atender às necessidades diversificadas dos alunos e promover uma alfabetização eficaz, assim como o diálogo contínuo entre educadores, pesquisadores e profissionais da área é fundamental para continuar a desenvolver práticas de alfabetização mais eficazes e inclusivas.

Outra abordagem importante, é a proposta de uma alfabetização discursiva que visa atrelar a escrita linguística com a escrita social e crítica, proporcionando assim uma aprendizagem e uma alfabetização significativa, onde o objetivo não está em pequenas palavras, sílabas ou letras de forma individual e descontextualizada, mas transformar o espaço educador, num espaço aberto à diálogos que contribuam para as crianças utilizando o conhecimento de leitura e escrita, contextualizando com a realidade do dia a dia e vivencias de um grupo social que cada aluno está inserido, entende e se identifica.

Cecília Goulart (2019, p. 60), entende a alfabetização discursiva como: “conhecimento da realidade e conhecimento linguístico se enredam na proposta de alfabetização que se concretiza na relação entre discursos e fortalece os sujeitos e suas vidas; é o primeiro conhecimento que dá sentido ao segundo”.

Nessa direção, Gonçalves (2015), aponta que é superimportante brincar com as palavras, contar histórias e conversar muito com as crianças, pois, essas atividades ajudam a ampliar o vocabulário delas e a melhorar a compreensão do que estão lendo e escrevendo. Então, quanto mais as crianças se envolvem em conversas e atividades

que estimulam a linguagem, mais fácil vai ser para elas dominarem a leitura e a escrita.

A influência externa no processo de alfabetização e de aquisição da linguagem, não é importante só no momento em que a criança já está na idade de ler, mas desde muito antes, desde quando estão entrando no processo de fala e reconhecimento de palavras e objetos pela forma oral e não escrita.

É diante desta discussão, que abordo a importância da família no processo de leitura e escrita das crianças, pois a forma como as crianças vão aprendendo a falar e entender o mundo ao seu redor, influencia diretamente em como elas vão aprender a ler e escrever mais tarde.

Quando uma criança está aprendendo a falar, ela está também aprendendo sobre palavras, como elas funcionam e como se conectar com outras pessoas através da fala. Isso é crucial porque, ao começar a ler e escrever, essa bagagem de linguagem vai ajudar a fazer sentido do que vê nas páginas e como expressar suas próprias ideias.

Portanto, a influência e a motivação da família são fundamentais no processo de leitura e escrita das crianças, pois quando a família está envolvida, ela cria um ambiente rico em estímulos que pode incentivar o amor pelos livros e pela escrita. Isso pode incluir coisas simples, como ler para a criança, conversar sobre histórias, e até mesmo criar momentos de escrita juntos.

O apoio da família também ajuda a reforçar a importância da leitura e da escrita, mostrando para a criança que essas atividades são valiosas e divertidas. Além disso, quando os pais e responsáveis demonstram interesse e participam ativamente do processo, eles aumentam a confiança da criança e ajudam a criar hábitos positivos de leitura e escrita desde cedo. É notável que uma família engajada faz uma grande diferença, pois proporciona suporte emocional e prático, tornando o aprendizado mais prazeroso e significativo.

Estas abordagens, que consideram a vivência trazida pela criança de fora da escola, entendendo assim que suas experiências de vida pessoal anterior à escola, sua realidade no meio em que vive, influencia no seu processo de aprendizagem tanto para o seu avanço, quanto para a acentuação das suas dificuldades, vem ganhando

cada vez mais espaço nas salas de aula, por sua extrema importância na vida escolar e social dos estudantes, uma vez que, desta forma, o professor (a) não está apenas depositando conhecimento aos alunos de forma que não irá fazer sentido e portando não irá agregá-los, mas decerto, está formando um ser socialmente crítico, capaz de questionar e expor suas opiniões de forma segura sobre diversos assuntos que nossa sociedade enfrenta diariamente desde muito tempo atrás, assim, somando seu conhecimento escolar, linguístico, aos conhecimentos adquiridos por suas experiências de um contexto extraescolar.

Assim, em vez de focar apenas no processo mecânico de aprender a ler e escrever, é necessário olhar para a alfabetização de um jeito mais amplo e discursivo, compreendendo que a alfabetização não é só sobre aprender a decifrar letras e palavras, é também sobre como a gente se comunica e como esses processos fazem parte das nossas interações sociais. Pois a leitura e a escrita é algo que vai além do simples ato de entender um texto, é usar a linguagem para participar da sociedade, fazer sentido do mundo e se relacionar com os outros.

Diante disso, a alfabetização deve ser vista como uma prática social e discursiva. Isso significa que a forma como a gente aprende a ler e escrever está ligada às nossas experiências, contextos e práticas culturais, pois o que a gente lê e escreve, e como fazemos isso, está muito ligado aos grupos com os quais convivemos e às situações em que estamos envolvidos.

Portanto, a alfabetização é uma área que precisa ser vista e entendida como um processo amplo, que está diretamente conectado com a participação social e cultural, mostrando que aprender a ler e escrever é uma parte de um processo maior de como nos envolvemos e entendemos o mundo ao nosso redor.

2.2 A DIDÁTICA DO ALFABETIZAR LETRANDO

Magda Soares (2003) propõe uma abordagem em que alfabetização e letramento, ocorrem de forma simultânea. Essa perspectiva defende que o processo de aprender a ler e escrever não se limita apenas ao domínio das letras e dos sons, mas envolve o uso da leitura e da escrita em diversas situações sociais.

Soares (2003), faz uma distinção clara entre esses dois conceitos. Para a autora, a alfabetização é entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita, destacando que a alfabetização não é a aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um sistema de representação, em que signos (grafemas) representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas), sendo assim, é o processo de aprender a ler e escrever, ou seja, de decodificar o sistema de representação da língua escrita, entretanto, o ensino da língua escrita só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento.

O letramento por sua vez é definido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais, é o domínio funcional da língua escrita. Vai além da decodificação, envolvendo a capacidade de usar a leitura e a escrita para diferentes fins sociais.

A prática do letramento portanto, só pode desenvolver-se na dependência e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. Por esse motivo, embora distintos, há uma indissociabilidade e interdependência entre ambos.

A alfabetização e letramento sendo considerados, portanto, processos indissociáveis, aprender a ler e escrever acontece simultaneamente ao uso da leitura e da escrita em diferentes contextos. Para isso, a leitura e a escrita devem ter significado, pois é fundamental que os alunos compreendam a função social da leitura e da escrita e que sejam capazes de utilizar essas habilidades para resolver problemas e construir conhecimentos.

No sentido de valorizar a compreensão e o uso da leitura e da escrita em situações reais, além do domínio técnico da língua escrita, a alfabetização deve ser contextualizada, os textos utilizados nas atividades de leitura e escrita devem ser relevantes para a vida dos alunos e fazer sentido para eles.

Portanto, cada um exerce o seu papel no processo de aprendizagem. A alfabetização ensina as crianças a decodificarem as letras e as palavras, permitindo que elas tenham acesso ao mundo da escrita. É o primeiro passo para a construção do conhecimento. Por sua vez, o letramento, torna a criança capaz de utilizar a leitura e a escrita em diversas situações, como ler um livro, escrever um texto, interpretar gráficos etc. Promovendo a compreensão do mundo e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Sendo assim, a alfabetização é a porta de entrada para o letramento, é a base do letramento. Ambas são essenciais para o desenvolvimento integral da criança, mas o letramento garante que a criança não apenas saiba ler e escrever, mas que utilize essas habilidades de forma significativa em sua vida.

Para Soares (2003), o letramento é um processo contínuo e social, que se desenvolve ao longo da vida. Soares (2021) discute as concepções de alfabetização e letramento, defendendo que a aprendizagem do sistema de escrita aconteça de forma simultânea a aprendizagem do uso desse sistema na vida social, o que resulta no termo “alfaletrar”.

A pesquisadora enfatiza na junção da alfabetização com o letramento, pois nota-se a relação de contribuição entre os dois processos, que por sua vez devem acontecer desde a educação infantil, ainda que não de forma sistemática, perpassando durante todo o processo de aprendizagem da língua escrita.

Para aprendizagem da linguagem escrita, segundo Magda Soares, em seu livro “Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever”, (Soares, 2021), propõe a metáfora das três (03) camadas, desta forma, ilustra como o processo de aprendizagem da língua escrita envolve diferentes, mas interconectadas, dimensões.

A primeira camada e a de aprender o sistema de escrita alfabética, está ligada a alfabetização, sendo a camada mais direta e objetiva, refere-se à aquisição do sistema de escrita alfabético, que inclui o reconhecimento de letras, a relação entre sons e grafemas, e o domínio das regras ortográficas. Essa camada é fundamental, pois sem ela, não é possível acessar as outras.

Ler e escrever textos, é a segunda camada, ela está ligada ao letramento na produção e leitura textual, a camada intermediária, que faz a ligação entre as outras

duas, envolve a capacidade de ler e escrever textos em contextos diversos, compreendendo e produzindo diferentes gêneros textuais. Aqui, a prática da leitura e escrita se torna significativa e aplicada em situações do cotidiano.

A terceira camada, contextos culturais e sociais, está ligada ao uso da escrita nestes ambientes, portanto também ligada ao letramento, mas de uma maneira mais social, é a camada mais ampla, refere-se ao entendimento de como a escrita se insere em contextos sociais e culturais, reconhecendo sua função na comunicação, na educação e na cultura. Essa camada é essencial para que a escrita seja utilizada de forma crítica e consciente.

A interdependência entre essas camadas destaca que, embora o foco em sala de aula possa variar, todos os aspectos precisam ser considerados. O conceito de “Alfaletrar” sugere uma abordagem integrada, em que a alfabetização e o letramento são desenvolvidos simultaneamente, promovendo uma aprendizagem mais completa e contextualizada. Isso implica que ao ensinar a ler e escrever, também se deve levar em conta a aplicação prática e social dessa habilidade, preparando os alunos para interagir de maneira eficaz com o mundo ao seu redor.

Ainda em sua obra “Alfaletrar” a autora aborda um dos pontos essenciais no processo de alfabetização, que é o desenvolvimento e a aprendizagem na apropriação do sistema de escrita alfabética. Ela defende que este é um processo complexo e gradual, que envolve a interação entre diversos fatores, como a os níveis psicogenéticos, a consciência fonológica, o conhecimento do alfabeto.

Segundo Ferreiro e Ana Teberosky (1999), há estágios linguísticos que a criança percorre até a aquisição da leitura e da escrita, onde é perceptível o sujeito formulando hipóteses a respeito do código, e esses são aspectos importantes para o entendimento de todo esse processo, que pode ser representado nos níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

O nível pré-silábico é uma etapa em que a criança está começando a se familiarizar com a linguagem escrita, mas ainda não desenvolveu a compreensão completa do sistema alfabético. É caracterizado pela produção escrita que consistem em rabiscos, desenhos ou letras aleatórias, sem a noção de quantidade de letras e sem uma correspondência direta com os sons das palavras. Portanto neste estágio, as crianças podem reconhecer que os símbolos gráficos têm significados, mas não

conseguem associá-los consistentemente aos sons da fala ou não entendem a relação entre letras e sons.

No nível seguinte, o silábico, é quando surge a hipótese silábica e começa o conflito sobre a quantidade mínima de letras exigidas para uma palavra. As crianças relacionam a escrita à fala, podendo escrever silabicamente, sem valor sonoro, quando a criança ainda não consegue relacionar cada letra individualmente a um som específico, e podendo escrever silabicamente com valor sonoro, quando a criança começa a atribuir um valor sonoro, um som, a cada sílaba das palavras que registra. É comum que escrevam usando sílabas ou partes de sílabas para representar palavras. Por exemplo, em um caso silábico com valor sonoro, a palavra “bola”, podendo ser representada por “BA” ou “OA”, até apenas a sílaba inicial “BO”. Pode-se identificar a palavra sendo escrita representando os sons mais fortes e, portanto, mais fáceis de identificar, além disso, há uma quantidade de letras para que a palavra possa ser lida.

O nível silábico-alfabético a criança se aproxima de uma análise de fonema a fonema, escrevendo cada parte sonora das palavras, demonstrando uma compreensão mais avançada entre letra e som, ainda que não tenham alcançado a compreensão total da relação grafema e fonema.

O último nível é o alfabético, a análise grafonêmica já está desenvolvida. É comum que haja erros ortográficos como a troca do Z com S, por exemplo, pois nesse estágio elas estão lidando com a experimentação da escrita, arriscando e podendo encontrar desafios ao lidar com palavras menos familiares ou exceções às regras ortográficas. Elas conseguem decodificar palavras desconhecidas com mais facilidade, segmentando-as em seus sons individuais e reconhecendo padrões fonéticos e ortográficos. Apresentando leitura fluente, escrita independente, e uma ortografia, mais precisa, ainda que não perfeita.

Desse modo, a apropriação do sistema de escrita não é apenas uma questão de decodificação de letras, mas envolve uma compreensão mais ampla das relações entre sons e grafemas. Devido a isso, a consciência fonológica é um fator de importância neste processo, pois permite às crianças segmentar e manipular os sons das palavras, fundamental para a leitura e escrita.

Segundo Magda Soares (2021), a consciência fonológica é a habilidade de reconhecer e manipular os sons da fala. Essa consciência envolve a percepção de que a língua é composta por unidades sonoras, como fonemas e sílabas. Soares destaca que essa habilidade é fundamental para a alfabetização, pois permite que as crianças compreendam a relação entre os sons da linguagem e as letras que os representam.

Ela descreve a consciência fonológica como um conjunto de habilidades, incluindo a identificação de rimas, a segmentação de palavras em sílabas e fonemas, e a capacidade de combinar sons para formar palavras. Essa consciência se desenvolve gradualmente e é crucial para que as crianças possam entender e utilizar o sistema de escrita de forma eficaz. Neste processo, atividades lúdicas e interativas, são de extrema importância a fim de promover essa consciência, facilitando o aprendizado da leitura e da escrita, além de ressaltar a importância do ambiente alfabetizador, que deve ser rico em linguagem e escrita, promovendo oportunidades para que as crianças pratiquem e desenvolvam suas habilidades de leitura e escrita de maneira significativa e contextualizada.

Ainda referindo-se à consciência fonológica e suas dimensões, a autora destaca a importância da consciência fonológica no processo de aquisição da escrita, enfatizando que essa habilidade é fundamental para que as crianças desenvolvam uma relação eficaz entre sons e letras.

A autora aborda o "despertar da consciência fonológica" e a distinção entre diferentes formas de escrita, como a escrita silábica sem valor sonoro e a escrita silábica com valor sonoro, conceitos que Soares (2021) também explora ao discutir os níveis de escrita, mostrando que é neste processo que as crianças progredem em estágios que vão desde a escrita emergente, onde ainda não dominam as correspondências sonoras, até a escrita convencional, onde conseguem utilizar o sistema alfabético de forma plena.

A compreensão do sistema de escrita deve ser construída a partir da experiência das crianças com a linguagem, considerando suas produções escritas como um reflexo do seu nível de consciência fonológica. Essa abordagem é crucial para promover uma alfabetização efetiva, mostrando que o aprendizado da escrita é

um processo gradual, que vai se refinando à medida que a criança avança em sua consciência sobre as relações sonoras e gráficas.

A utilização de parlendas como recurso didático para trabalhar rimas e a correspondência rimas-letras é uma estratégia que ilustra a proposta de Soares, (2021) de que a brincadeira e a linguagem oral são essenciais para o desenvolvimento da consciência fonológica. A autora propõe que a educação deve ser centrada nas experiências e nas produções das crianças, utilizando práticas lúdicas e interativas que estimulem seu desenvolvimento.

2.3 A ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Um olhar histórico sobre a alfabetização escolar no Brasil revela uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e, conseqüentemente, metodológicas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que lista o que todos os estudantes devem aprender na educação básica, atualmente ela define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever, sendo assim, a Base defende que a ação pedagógica nos dois primeiros anos do ensino fundamental deve se concentrar na alfabetização.

Desde 2019, a BNCC está em vigor para a educação infantil e fundamental. Sendo assim, escolas e professores de todo o país adaptaram os currículos para seguir as orientações da BNCC, o que significa que o documento não define os conteúdos e, sim, estabelece competências e habilidades a serem desenvolvidas no processo de aprendizagem.

A Base funciona como um guia para escolas elaborarem currículos e para professores montarem planos de aula. Ela deve ser seguida por instituições de ensino da rede pública e privada, que devem garantir os direitos de aprendizagem de toda criança e adolescente. Suas orientações são as mesmas para todas as instituições de ensino, independentemente do nível social e financeiro, pois o objetivo da BNCC é diminuir as desigualdades no aprendizado, ao definir os mesmos conhecimentos, habilidades e competências essenciais para toda a educação básica.

Por apresentar de maneira objetiva essas habilidades relacionadas a alfabetização, que devem ser desenvolvidas no primeiro e no segundo ano, a BNCC dá condições para que os professores avaliem o nível de desenvolvimento dos alunos e definam estratégias adequadas de ensino, tomando como referências essas diretrizes, assegurando o mesmo direito a todas as crianças.

Como consta na BNCC: esses conhecimentos de alfabetização até o 2º ano incluem a criança compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas, dominar as convenções gráficas, conhecer o alfabeto, compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita, dominar as relações entre grafemas e fonemas, saber decodificar palavras e textos escritos, saber

ler, reconhecendo globalmente as palavras, ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim fluência e rapidez de leitura.

Aprender a escrever exige tanto habilidades mentais/cognitivas quanto físicas/motoras, para que o objetivo da escrita fluente seja atingido, é necessário como em qualquer outra atividade, muita prática, esteja você utilizando papel e lápis ou um teclado de computador ou celular.

Portanto, é importante que os alfabetizandos saibam distinguir entre a escrita e outras formas de expressão gráfica, como desenhar, além de que entendam que a base da escrita é a correspondência entre letras e sons, ou seja, associar o que está sendo escrito com os sons das palavras.

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os componentes curriculares tematizam diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas. Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social. (BNCC, 2018).

Para ser considerado alfabetizado não basta conhecer as letras ou saber como desenhá-las de maneira correta, mas analisar como se escreve e compreender o contexto daquilo que está sendo lido ou escrito, o que se está querendo transmitir através daquele texto, frase ou até mesmo uma única palavra.

Para que isso aconteça, há cinco pontos fundamentais que ajudam a entender a proposta da BNCC para alfabetização. Sendo eles:

O primeiro, a questão dos métodos, a BNCC tem a função de estabelecer habilidades a serem adquiridas, portanto não define um método específico, garantindo assim a pluralidade de concepções e práticas pedagógicas, além de assegurar a autonomia do professor na sala de aula.

O segundo ponto é que a criança deve ser alfabetizada até o segundo ano - Mas isso não significa que o processo está terminado. Ele continua no 3º ano, com

um foco maior na ortografia - e ser alfabetizado de forma a apenas decifrar o código de escrita alfabético, mas compreender o que foi lido, ou seja, que a criança passe pelo processo do letramento. E para isso é imprescindível que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica.

Em terceiro a gente retoma aquilo que foi iniciado no ponto anterior, a questão de que a alfabetização é entendida como a apropriação do funcionamento do sistema de escrita alfabética em um processo simultâneo às práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, as duas práticas e habilidades devem acontecer de forma simultânea, o entendimento do sistema de escrita deve ocorrer juntamente à práticas sociais de leitura e escrita, pois é desta forma que a criança passa a entender o uso da língua no cotidiano, em práticas de linguagem vivenciadas dentro e fora da escola.

Sendo assim, “as habilidades para compreensão das relações grafofonêmicas devem estar sempre relacionadas às práticas de leitura, produção e oralidade articuladas aos textos.”

O quarto ponto defendido pela base, refere-se a questão de alfabetizar com novos e diversos formatos de textos, não se prender apenas a forma tradicional, mas abrir espaço para novas tecnologias como vídeos, podcasts e diversos outros conteúdos de novos formatos, de forma que contribuam e auxiliem o professor alfabetizador em sua prática em sala de aula.

Por último, a BNCC destaca que o processo de alfabetização é algo complexo, pois a criança, ou em contextos de EJA (Educação de Jovens e Adultos) a pessoa, precisa conhecer e entender as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito percebendo as complexas relações entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas).

Isso envolve o desenvolvimento de consciência fonológica da linguagem, que é perceber os sons, entender como eles se separam e se juntam para formar novas palavras.

No documento da BNCC há 4 campos de atuação relacionados à alfabetização. Eles estão previstos nas propostas de ensino de Língua Portuguesa, porém segundo a Base, o uso dos campos de atuação na alfabetização é uma forma de evitar

exercícios repetitivos, pois eles permitem que a criança tenha contato com os mais diferentes tipos de texto, proporcionando a criança a experiência de diversidade cultural, linguística e de gênero.

Os campos de atuação são as áreas de uso da linguagem, na vida cotidiana, sendo eles os seguintes:

Vida cotidiana, em que permitam que a criança experimente situações de leitura e escrita que são comuns no seu dia a dia. O professor pode utilizar textos como, receitas; lista de compras; convites de aniversário, regras de jogos; bilhetes etc.

O campo artístico-literário, nesse caso, trata-se de gêneros textuais e usos da linguagem com predominância da atuação artístico-literária. É voltado à produção e à leitura de contos, romances, peças de teatro, poemas.

No campo de estudo e pesquisa, o estudante conhece textos expositivos e argumentativos, relacionados ao conhecimento e divulgação científica. O professor pode usar enunciados de tarefas escolares, entrevistas, verbetes de enciclopédia e infográficos como exemplos.

E por último, o campo de vida pública, em que as crianças têm contato com textos jornalísticos, publicitários e reivindicatórios, relacionados a temas como cidadania e exercício de direitos. Neste campo, os textos têm o objetivo de transmissão de informações, da comunicação, da intenção de "vender" um produto/ideia etc. Alguns exemplos são manchetes, notas de jornal, slogans, regras e regulamentos, comentários em sites e folhetos.

Ainda relacionadas às propostas de Língua Portuguesa, as práticas de linguagem previstas na BNCC são essenciais para o processo de alfabetização, são 4 práticas previstas, sendo elas:

A primeira sendo a leitura/escuta, ajudando a ampliar o vocabulário e estimulando o letramento da criança com a ajuda de diferentes tipos de textos. A criança é estimulada a desenvolver estratégias de leitura sendo ela compartilhada ou autônoma, seja de palavras escritas, imagens ou sons, que circulam em meios analógicos e digitais.

A escrita, permitindo o desenvolvimento e capacidade de produzir textos de diversos gêneros, assimilando a função da escrita na sua vida cotidiana. Analisando

o texto e sendo capaz de reconhecer pontos essenciais presentes na estrutura, como quem escreve o texto, qual o objetivo e para quem é destinado a leitura do texto.

A oralidade, pois a alfabetização na BNCC depende da aprendizagem de estratégias de fala e escuta, que são assimiladas com o uso e com a interação com o outro. Em sala de aula, o professor deve estimular as crianças a escutarem, prestar atenção e comentar o que os colegas falaram.

E por último a análise linguística/semiótica, esta última prática de linguagem está relacionada diretamente com a sistematização da alfabetização, ao propor reflexões sobre o sistema de escrita e o funcionamento da língua.

3. METODOLOGIA

A referida pesquisa caracteriza-se de natureza qualitativa, que é um método de pesquisa que busca entender fenômenos sociais, comportamentos e experiências humanas em profundidade. Ao contrário da abordagem quantitativa, que se concentra em dados numéricos e estatísticas, a qualitativa foca em significados, interpretações e contextos. Visa a exploração de significados, buscando compreender como as pessoas interpretam e dão sentido a suas experiências e ao mundo ao seu redor. Contextualizando e considerando o contexto social, cultural e histórico em que os fenômenos ocorrem, reconhecendo que esses fatores influenciam as percepções e comportamentos.

Em consonância com isso, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Diante da natureza qualitativa deste estudo, optei por uma abordagem de pesquisa-ação, caracterizada pela interação contínua entre ação e reflexão, com o objetivo de resolver problemas práticos em contextos específicos, ao mesmo tempo em que gera conhecimento. Essa abordagem é particularmente relevante em áreas como a educação, onde as práticas pedagógicas podem ser aprimoradas por meio da investigação reflexiva, da colaboração e da intervenção direta. No campo educacional, a pesquisa-ação se torna uma ferramenta poderosa para os professores se tornarem pesquisadores de suas próprias práticas, promovendo um processo de autodescoberta e melhoria contínua.

A metodologia de pesquisa-ação envolve um ciclo contínuo de planejamento, ação, observação e reflexão. Inicialmente, os participantes — neste caso, os professores — identificam um problema ou desafio no seu contexto educacional e planejam uma intervenção. Essa ação é então colocada em prática, acompanhada de observações sistemáticas e coleta de dados sobre seus efeitos. A etapa seguinte envolve a reflexão crítica sobre os resultados da intervenção, o que possibilita ajustes

e novas ações no ciclo subsequente. Esse processo de iteração permite um aprendizado contínuo e o desenvolvimento de soluções mais eficazes e adequadas à realidade do contexto educacional.

No entanto, a pesquisa-ação não é uma metodologia restrita a um simples diagnóstico e implementação de soluções. Ao contrário, ela enfatiza a participação ativa dos sujeitos envolvidos, transformando-os em co-investigadores. Os professores, portanto, não são meros executores de estratégias predefinidas; eles são agentes ativos no processo de pesquisa, envolvidos em todas as etapas: desde a definição do problema até a análise dos resultados da intervenção. Essa abordagem não apenas promove a resolução de problemas, mas também o desenvolvimento profissional contínuo dos educadores.

David Tripp (2005), um dos principais teóricos que contribuiu para a consolidação da pesquisa-ação no campo educacional, reflete amplamente sobre a importância dessa metodologia para a transformação das práticas pedagógicas.

Em seu artigo "Pesquisa-ação: uma introdução metodológica, 2005", Tripp destaca que a pesquisa-ação é um processo essencialmente reflexivo, em que os professores são convidados a questionar suas próprias práticas, suas motivações e suas percepções sobre o ensino e a aprendizagem. Para ele, a pesquisa-ação é uma forma de os educadores se empoderarem em sua prática profissional, pois, ao se envolverem no ciclo de ação e reflexão, eles desenvolvem uma maior consciência crítica sobre o que fazem e por que fazem.

Além disso, o autor vê a pesquisa-ação como uma ferramenta de transformação prática. Ele acredita que, ao aplicar essa metodologia, os professores não apenas identificam problemas específicos, mas também encontram soluções que podem gerar mudanças significativas no processo educacional. A reflexão sobre a prática permite que os educadores ajustem suas abordagens pedagógicas, tornando-as mais eficazes e sensíveis às necessidades dos alunos. Tripp (2005) defende que a pesquisa-ação não visa apenas melhorar os resultados acadêmicos, mas também o ambiente de aprendizagem e o desenvolvimento das relações dentro da sala de aula.

Outro ponto relevante na abordagem do autor é a importância da contextualização. Para ele, a pesquisa-ação deve ser sempre adaptada às

particularidades do contexto em que se insere. Isso implica uma análise profunda das condições sociais, culturais e institucionais que influenciam o processo educativo. A implementação de soluções não deve ser uma mera aplicação de modelos teóricos ou externos, mas deve levar em consideração a realidade local, buscando intervenções que sejam adequadas e sustentáveis naquele contexto específico.

A metodologia de pesquisa-ação, como Tripp (2005) sugere, também favorece a construção de conhecimento compartilhado. No âmbito educacional, isso significa que os professores, ao se envolverem em grupos de pesquisa-ação, não só transformam suas próprias práticas, mas também criam uma comunidade de prática. Esses grupos permitem que os educadores compartilhem experiências, discutam dificuldades e soluções, e aprendam uns com os outros. Esse processo de colaboração e troca de saberes é fundamental para a apropriação coletiva do conhecimento e para o fortalecimento do desenvolvimento profissional.

No entanto, a pesquisa-ação também apresenta desafios. David Tripp (2005) reconhece que o processo exige um compromisso contínuo por parte dos educadores e pode ser difícil conciliar com as exigências curriculares e administrativas. Além disso, a imparcialidade do pesquisador pode ser uma preocupação, já que a pesquisa-ação envolve a análise de práticas próprias. Por isso, Tripp (2005) sugere que a autocrítica e o envolvimento de outros profissionais no processo de reflexão podem ajudar a minimizar essa limitação.

Em resumo, a pesquisa-ação é uma metodologia poderosa, que oferece aos educadores a oportunidade de se envolverem de maneira ativa e reflexiva em sua própria prática, promovendo não apenas a melhoria de suas técnicas pedagógicas, mas também o desenvolvimento contínuo de sua prática profissional. As contribuições de David Tripp (2005), ao destacar a importância da reflexão crítica, da participação ativa e da contextualização, ampliam a compreensão de como a pesquisa-ação pode ser aplicada de maneira eficaz no contexto educacional, gerando mudanças profundas tanto no ensino quanto no ambiente de aprendizagem.

A pesquisa ocorre em uma escola municipal de um bairro periférico da cidade de Salvador – Bahia. É uma escola de pequeno porte, com turmas no turno matutino

e vespertino, do grupo 5 (G5) ao 5º ano do Ensino Fundamental I. O foco desta pesquisa está na turma do terceiro ano do Ensino fundamental I, do turno vespertino.

Os participantes desta pesquisa, são seis (06) crianças de 8 a 9 anos, moradores desta comunidade, não alfabetizados, e que a princípio teriam sido reprovados no ano escolar anterior, porém devido a decisão do município, tiveram aprovação automática.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados nesta pesquisa, foram, além da observação, atividades diagnósticas a fim de observar os pontos em defasagem, de cada aluno em relação a aprendizagem, a escrita, leitura, reconhecimento de letras etc.

Para concluir a metodologia deste trabalho, é importante destacar que a pesquisa será conduzida com base nas abordagens e diretrizes apresentadas anteriormente, buscando explorar as variáveis e contextos relevantes para o tema proposto. A análise será realizada de forma criteriosa, seguindo os procedimentos descritos, com o objetivo de garantir a consistência e a confiabilidade dos resultados. No próximo capítulo, será detalhada a análise dos dados e resultados obtidos, tendo como base as atividades diagnosticas e de intervenção utilizadas durante o ano letivo, a fim de suprir as lacunas de aprendizagem apresentadas pelos estudantes em que atendi no PAAP, com ênfase na interpretação dos resultados e suas implicações para a área de estudo.

3.1 REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES E AVANÇOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO PAAP DE SALVADOR: ANÁLISE DOS DADOS

O presente trabalho buscou entender as deficiências de aprendizagem em relação a leitura e escrita de estudantes de uma escola municipal em um bairro periférico, na cidade de Salvador – BA, a fim de obter uma visão ampla sobre os processos e estratégias de intervenção realizados na instituição, para suprir essas necessidades.

Para tanto, precisei levantar informações das medidas adotadas pela escola para fornecer uma educação reforçada para esses alunos que estão tentando atingir o nível escolar esperado para suas idades.

A partir deste ponto, foram utilizadas atividades envolvendo gêneros textuais, prática semanal de leitura de livros infantis, atividades de ortografia, ditados de palavra, atividades de consciência fonológica, obtendo desta maneira o desenvolvimento e aprendizagem de forma gradual destas crianças.

Em 2023 a prefeitura de Salvador abriu 650 vagas de estágio para estudantes nas áreas de pedagogia, letras, e matemática, atuando para a Secretaria Municipal da Educação (SMED), em escolas municipais da cidade de Salvador, com jornada diária de 4 horas, nos turnos matutino ou vespertino. Como requisito estudante precisa ter 30% da matriz curricular concluída e teriam que realizar atividades Pedagógicas no Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP), com o objetivo principal de colaborar com a recomposição das aprendizagens que ficaram prejudicadas pelo período da pandemia.

A prática pedagógica pode ser realizada por estudantes dos cursos de pedagogia, letras vernáculas e matemática, numa jornada semanal de vinte horas, atuando como estagiários, que atendem grupos de até oito alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, não alfabetizados, através de atividades diárias específicas para cada dificuldade de aprendizagem.

Os estagiários atuam com estudantes do 3º ao 5º ano não alfabetizados, através de atendimentos diários, para realização de atividades específicas, a fim de assegurar-lhes aprendizagem significativa, como uma espécie de reforço dos conteúdos de alfabetização perdidos no período da pandemia e do estudo remoto.

O Programa tem foco na recomposição de aprendizagem e alfabetização a partir da contratação de estagiários para auxiliar os profissionais da Rede. Isso permite que os educadores se concentrem mais nas necessidades individuais dos alunos, garantindo um aprendizado mais eficaz. É uma iniciativa voltada para o suporte e aprimoramento da educação, especialmente no contexto escolar, visando suprir as necessidades quanto à alfabetização desses estudantes. Adota diversas formas de intervenção, incluindo aulas de reforço, tutorias individuais, atividades complementares, uso de tecnologias educacionais, entre outras. O importante é que seja uma abordagem flexível e adaptável às necessidades específicas dos alunos atendidos. E funciona dando prioridade a identificação de necessidades da criança, por meio de avaliações e acompanhamento pedagógico, o programa busca identificar as principais dificuldades dos alunos em relação aos conteúdos estudados. Com base nas necessidades identificadas, são desenvolvidas estratégias personalizadas de apoio aos estudantes, levando em consideração seus estilos de aprendizagem e ritmos individuais. O programa não se limita a uma intervenção pontual, mas busca acompanhar o aluno ao longo do tempo, revisando e ajustando as estratégias de apoio conforme necessário.

Os participantes desta pesquisa são alunos da escola municipal, nos 3º e 4º anos do ensino fundamental I. Crianças de 8 a 10 anos de idade atualmente, que estão situadas em salas heterogêneas, onde há crianças em que estão em seu ano escolar correspondente a sua idade, e crianças que já deveria estar em até duas séries acima. Estudantes que sabem ler e escrever de forma fluente, e estudantes que em certos momentos, não identificam letras do alfabeto ou números. Crianças estas, que na época do seu período de alfabetização, foram impossibilitadas de passar por esta etapa da forma convencional, presencialmente nas salas de aula, devido a pandemia da covid 19. Devido a esta questão, tiveram uma defasagem de leitura e escrita, fato que ainda afeta seus desempenhos escolares, atualmente, 4 anos depois.

Com a experiência que venho tendo desde maio de 2023, como estagiária do programa da Secretaria Municipal de Salvador, o PAAP, pude observar os principais pontos de dificuldade que crianças enfrentam diante à leitura e escrita. O primeiro ponto, é a consciência fonológica, em que vi a dificuldade de reconhecer e manipular sons em palavras, algo que é fundamental neste processo, dificuldades que se

manifestam na dificuldade em segmentar palavras em fonemas ou em rimas. Outra dificuldade apresentada é em relação à correspondência grafema-fonema, quando não há a habilidade de associar letras (grafemas) aos sons (fonemas) que elas representam. Crianças que têm dificuldades nesse aspecto podem ter problemas para decifrar palavras, resultando em leitura lenta ou imprecisa. Somados a isso, apresentaram um vocabulário limitado, o que dificultava a compreensão de textos. Por não ter um repertório lexical amplo, encontravam dificuldade em interpretar o significado de palavras em diferentes contextos. Este ponto está diretamente ligado a falta de estímulo à leitura, fora do ambiente escolar, pois são crianças, que segundo os próprios relatos, não tinham o hábito, o exemplo em casa, e o estímulo para ler, que não seja por parte da professora e seu projeto de leitura de livros semanais. Sem a prática, a atividade se torna dificultosa e engessada. Portanto, há o problema da falta de compreensão de textos. Observo que mesmo em relação ao projeto de leitura semanal citado acima, alguns estudantes sentiam bastante dificuldade em ler e compreender o que está sendo lido, acabavam por não entender a história dos livros que levam para casa. A habilidade de entender o que se lê é crucial. Dificuldades na compreensão podem surgir de problemas em identificar ideias principais, inferir significados ou realizar conexões entre diferentes partes do texto. Isso ocorria pelo pouco conhecimento do sistema de escrita. Percebi essas dificuldades, de forma prática, durante o desenvolvimento das atividades propostas, em várias situações cotidianas. Em uma leitura de palavras simples, algumas crianças apresentaram dificuldades em associar os grafemas aos fonemas corretos, trocando letras ou omitindo sons ao tentar ler em voz alta. Durante a realização de atividades de ditado, observei que elas tinham dificuldade em escrever palavras corretamente, tanto aquelas com combinações de letras pouco usuais, quanto até palavras simples, muitas vezes. Além disso, ao pedirem para ler um texto curto, para aquelas que já tinham iniciado a fase de leitura, e para aquelas que ainda não conseguiam, eu mesma lia. Em ambos os casos, várias delas não conseguiam compreender o conteúdo, mesmo depois de uma leitura em voz alta, indicando uma falta de entendimento e de conexão entre a palavra lida e seu significado. Essas dificuldades se tornaram evidentes principalmente nas tarefas que exigiam maior atenção à fonologia e à interpretação de textos curtos. Por esses motivos, além de fazerem parte de uma sala de aula composta por alunos em diferentes níveis de aprendizagem, em que uns sabem ler e escrever de forma fluente, entendendo e apresentando os livros que

levam para casa, e conseguindo participar de modo ativo nas aulas, os estudantes que ainda não apresentam essas características, eram tomados pela falta de motivação e pouca autoconfiança. A falta de motivação ou experiências anteriores negativas tanto em casa com pais e responsáveis, tanto na escola, em relação à leitura e escrita pode levar à resistência em participar dessas atividades. Devido à estas questões, a fluência acabava prejudicada, pois não havia a habilidade de ler em voz alta com precisão, rapidez e expressividade, afetando a compreensão, uma vez que a atenção pode estar mais voltada à decodificação do que ao significado do texto, ou a autocrítica que as crianças com dificuldades apresentavam em relação a elas mesmas enquanto leitoras. Ou seja, o medo de tentar e errar, a ideia que elas já têm de maneira formada em suas cabeças, de que não sabiam e não conseguiam aprender. Resumindo todas estas questões, observei uma lacuna na consistência e rotina. A falta de práticas regulares e consistentes prejudicavam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. A rotina é fundamental para a consolidação do aprendizado. Pois não pode colocar toda a responsabilidade de alfabetizar uma criança, apenas na escola, quando a criança passa apenas 4 horas do seu dia no ambiente escolar, enquanto as outras 20 horas, no ambiente familiar. A responsabilidade e o compromisso em manter e estimular a consistência e rotina destas crianças em relação a leitura e escrita diária, deve partir também por parte dos pais e responsáveis. A colaboração entre educadores, pais e especialistas também é fundamental para o sucesso do processo de alfabetização.

Como estagiária de Pedagogia, com a função de alfabetizadora nesta escola municipal, tive a oportunidade de trabalhar diretamente com crianças em processo de alfabetização, cada uma com níveis variados de leitura e escrita. O programa consiste em atendimentos personalizados para grupos de no máximo 8 crianças, que apresentem dificuldades no processo de alfabetização. No meu primeiro ano do estágio, eu atendia dois grupos Grupo 1 e Grupo 2, de forma alternada entre os dias da semana (segunda um, terça o outro, e assim por diante), em uma sala reservada para as minhas aulas. Já no meu segundo ano – 2024 – devido a questões de logística e espaço na escola, me organizei com o grupo na mesma sala em que o resto de sua turma. Montei o grupo de em média 6 a 8 alunos parte do fundo da sala, para termos uma atenção mais reservada, enquanto a professora segue sua aula normalmente com o resto da turma, mas frequentemente, me dando dicas, perguntando sobre o

avanço, e tomando leitura das crianças que fazem parte do grupo, fazendo-as com que se sintam ainda, parte da turma.

Para abordar suas dificuldades de aprendizagens, realizei avaliações diagnósticas mensais e implemento intervenções personalizadas que atendam às necessidades específicas de cada criança. São crianças no nível pré-silábico, em que muitas não sabem identificar a letra em questão, não tem a noção de limite de letras em uma palavra, além de não terem a noção também da utilização do espaço em uma folha de caderno, onde as letras são de tamanhos extremamente diferentes e irregulares. Havia crianças também no nível silábico sem valor sonoro, onde já reconheciam as algumas ou todas as letras, mas não faziam a conexão letra e som, a escrita apresentava marcas ou letras repetidas, mas não seguia as regras ortográficas. As crianças exploravam a forma escrita sem entender completamente a representação sonora, escrevendo palavras usando sílabas inteiras, mas não necessariamente correspondem aos sons corretos. Havia também estudantes no nível silábico com valor sonoro, em que a criança já utilizava tanto sílabas quanto letras individuais, já tinham começado a reconhecer a importância de cada letra e seu som correspondente, onde a escrita pode apresentar algumas inconsistências ortográficas, mas já havia tentativas de utilizar a forma correta. Até o meio do ano de 2024, as crianças em que eu trabalhava estavam nestes níveis, até que no segundo semestre do ano, houve uma evolução de uma criança específica, para o nível alfabético, onde passou a escrever palavras usando as letras que correspondem aos sons, observei também que a ortografia já é mais próxima do correto, ainda que apresente erros em palavras mais complexas. Quando a leitura, foi o que mais me chamou atenção, pois tanto a leitura, quanto a escrita se tornam fluidas, com a criança compreendendo melhor a relação entre letras e sons, lendo de forma natural e com total compreensão do que está sendo lido.

Durante as primeiras semanas – e posteriormente de forma mensal – realizei avaliações diagnósticas para identificar as necessidades específicas de cada aluno. Essas avaliações incluíram atividades de consciência fonológica, reconhecimento de letras e palavras, além de testes de leitura em voz alta. Os resultados foram muito úteis para mapear as dificuldades e potencialidades de cada criança. Com base nas informações coletadas, desenvolvi diversas intervenções e atividades pedagógicas adaptadas. Para os alunos que apresentaram dificuldades na consciência fonológica,

implementei jogos de rimas e canções que estimulam a identificação de sons. Utilizar materiais concretos, como blocos de letras e cartões ilustrativos, foi uma estratégia eficaz para reforçar a correspondência grafema-fonema. Para as crianças com dificuldades na fluência e compreensão, organizei leituras em grupo, onde cada aluno tem a oportunidade de ler em voz alta em um ambiente acolhedor. Após a leitura, promovemos discussões em que os alunos compartilham suas impressões sobre a história, o que ajuda a desenvolver tanto a compreensão quanto a expressão oral. Além disso, para aqueles com dificuldades ortográficas, criei atividades de escrita contextualizada, como pequenos textos sobre suas experiências diárias. Isso não apenas incentiva a prática da escrita, mas também torna o aprendizado mais significativo e conectado à realidade dos alunos.

A diversidade das atividades foi fundamental para atender às necessidades de cada aluno. Aprendi que cada criança é única, e adaptar as estratégias de ensino é essencial para que todos possam progredir no processo de alfabetização. Essa experiência me mostrou o impacto positivo que intervenções bem planejadas podem ter no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, e a importância do professor para aprender e contribuir para o crescimento dos seus alunos.

3.1.1 EXPLORANDO ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA A ALFABETIZAÇÃO: ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS

O processo de alfabetização exige um trabalho minucioso e integrado, que abrange tanto o desenvolvimento da decodificação, ou seja, a habilidade de converter os símbolos escritos em sons, quanto da compreensão da língua escrita, que envolve a atribuição de significado aos textos e a construção de sentido. Portanto, é fundamental trabalhar o desenvolvimento de ambos os aspectos.

Durante o ano, realizei diversas atividades para promover o domínio das habilidades básicas da leitura e escrita. As atividades de separação silábica, por exemplo, permitiram que os alunos compreendessem melhor a estrutura das palavras, facilitando a pronúncia e a ortografia. A organização das palavras em ordem alfabética foi explorada para ajudar na fixação do alfabeto e na compreensão da sequência das letras, promovendo a autonomia na busca por palavras em dicionários e glossários.

Além disso, trabalhei com o reconhecimento de vogais e consoantes, atividades essenciais para que os alunos identificassem e utilizassem corretamente os sons das letras na formação de palavras. Para reforçar a interpretação de texto, realizei leituras em grupo e propostas de atividades que estimulavam a compreensão, como questões sobre o conteúdo lido, discussões em sala e reescrita de partes do texto, o que contribuiu para o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dos alunos. Essas atividades foram fundamentais para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, promovendo uma alfabetização mais sólida e significativa.

Nas atividades a seguir, uso nomes fictícios a fim de proteger a privacidade e identidade dos estudantes.

A seguir, podemos observar um exemplo de atividades de interpretação de texto, com três (03) alunos diferentes. A última foto é uma atividade direcionada a um aluno que havia se tornado leitor fluente a pouco tempo.

Tirinhas

1) Observe a cena na tirinha e responda:

a) Quem são os personagens?
MAGALI e MÔNICA

2) O que acontece no final da cena?
A DUAS DIVIDEM A MAÇÃ

3) O que seria essa "vitória" que a Mônica se refere no final do texto:

() Partir uma maçã.
(X) A conquista de Magali ao pegar a maçã em uma árvore.
() Comer uma maçã.

[Foto 1] Atividade de interpretação textual, aluna Ana.

Visto

Tirinhas



1) Observe a cena na tirinha e responda:

a) Quem são os personagens?

Mônica e Magali

2) O que acontece no final da cena?

Elas dividiram a maçã

3) O que seria essa "vitória" que a Mônica se refere no final do texto:

Partir uma maçã. *l*

A conquista de Magali ao pegar a maçã em uma árvore.

Comer uma maçã.

[Foto 2] Atividade de interpretação textual, aluna Maria.

Série:

Bolo de Cenoura

Ingredientes:

- 3 cenouras;
- 4 ovos inteiros;
- 2 xícaras de farinha de trigo;
- 2 xícaras de açúcar;
- 1 xícara de óleo;
- 1 colher de sopa de fermento em pó



Modo de preparo:

- Bata tudo no liquidificador e coloque a massa em uma forma untada com manteiga;
- Leve ao forno durante 30 minutos.

1) Quais os ingredientes utilizados na receita?

3 cenouras, 4 ovos, 2 xícaras de farinha de trigo, 2 xícaras de açúcar, 1 xícara de óleo, 1 colher de sopa de fermento em pó.

2) Quais as medidas utilizadas na receita?

2 xícaras, 1 xícara, 1 colher de sopa

3) Em quanto tempo o bolo fica pronto?

30 minutos

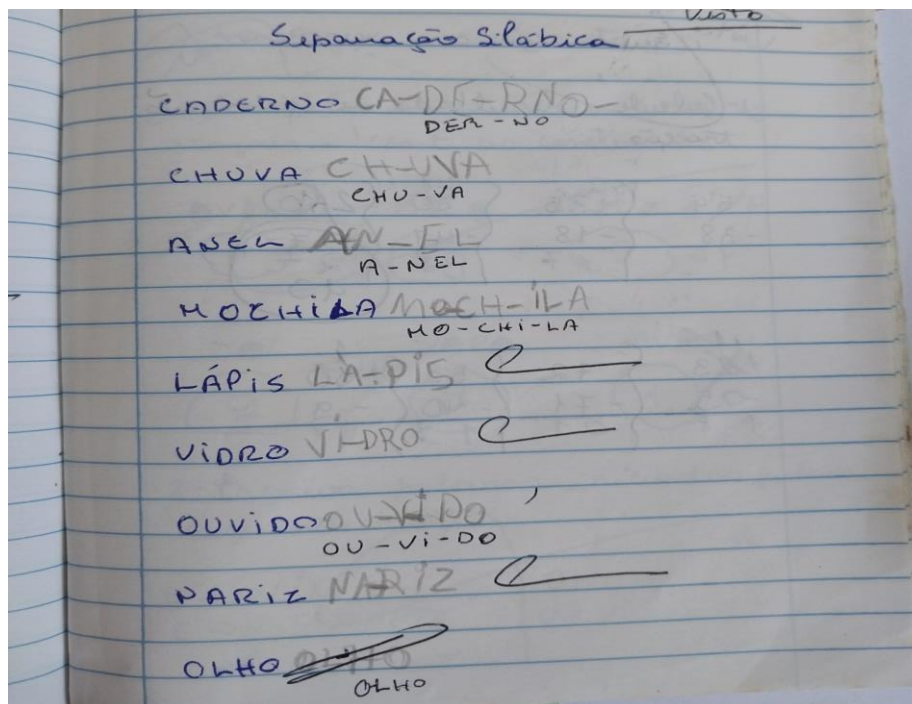
[Foto 3] Atividade de interpretação textual, aluno João.

Nestas as atividades de interpretação textual, usei textos pequenos, de diferentes gêneros, pois assim, é possível oferecer uma diversidade de contextos e estilos de linguagem, o que ajuda o aluno a expandir seu vocabulário, compreender diferentes formas de expressão e a se familiarizar com as diversas estruturas textuais. Esse tipo de atividade é essencial no desenvolvimento da leitura, pois estimula a capacidade de identificar as ideias principais, inferir significados e analisar o propósito de cada texto. Além disso, ao praticar com textos variados, o aluno melhora sua escrita, pois aprende a adaptar seu estilo de acordo com o gênero e a estrutura exigida, desenvolvendo maior fluência e clareza na produção textual. Dessa forma,

essas atividades contribuem não só para a ampliação da compreensão leitora, mas também para a construção de um repertório linguístico mais rico e flexível, essencial para o sucesso acadêmico e para a comunicação eficiente no cotidiano.

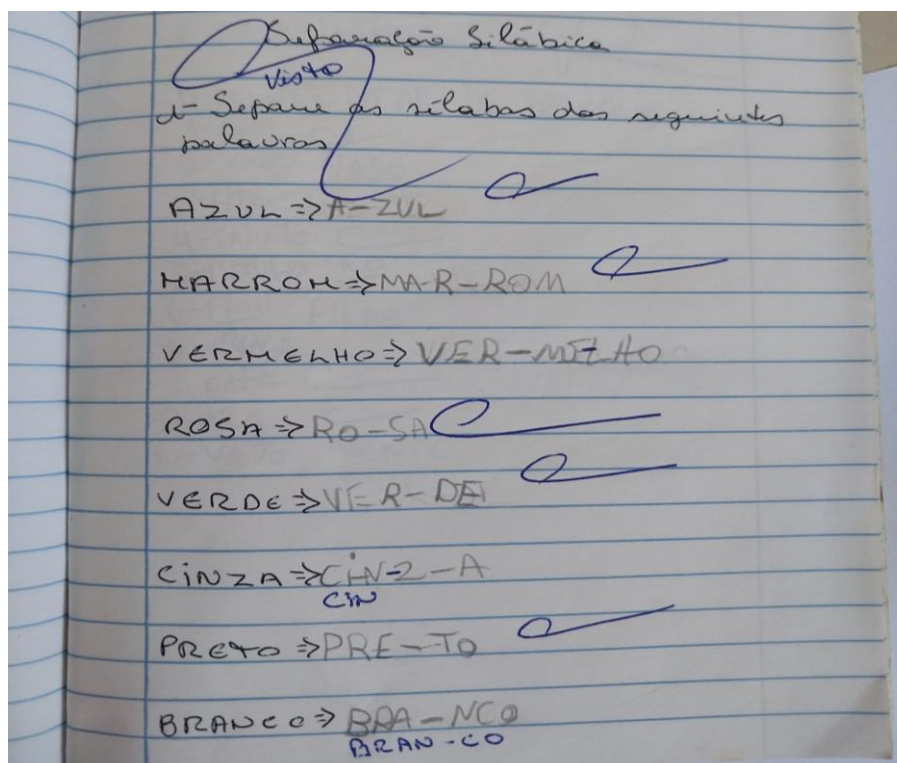
A seguir, é possível observar a progressão da aluna Maria, onde coloco exemplos de atividades de separação silábica, que são essenciais para o desenvolvimento da consciência fonológica, que é a habilidade de perceber e manipular os sons da língua. Ao realizar exercícios de separação silábica, a aluna aprende a dividir as palavras em suas partes constituintes, o que facilita a compreensão da estrutura das palavras e a pronúncia correta. Esse processo é crucial para a alfabetização, pois ajuda a estudante a entender como as palavras são formadas e como os sons se combinam para criar significados.

Além disso, a separação silábica contribui para o aprimoramento da leitura e escrita, pois ao segmentar as palavras em sílabas, a aluna pode identificar padrões fonéticos e ortográficos, o que facilita a decodificação e a escrita correta. Isso também ajuda na compreensão de palavras mais complexas, pois a aluna pode abordá-las de forma segmentada, tornando-as mais fáceis de decifrar. Ao trabalhar com a separação silábica, os estudantes desenvolvem uma percepção mais apurada das estruturas linguísticas, o que fortalece tanto a leitura fluente quanto a produção escrita, garantindo maior segurança e clareza na comunicação.



[Foto 4] Atividade de separação silábica, aluna Maria, dia 30/09.

Na imagem acima, é possível observar que a aluna já tinha uma certa noção em relação a estrutura e segmentação das palavras, porém, ainda apresentando dificuldade nas palavras com número de sílabas maior.

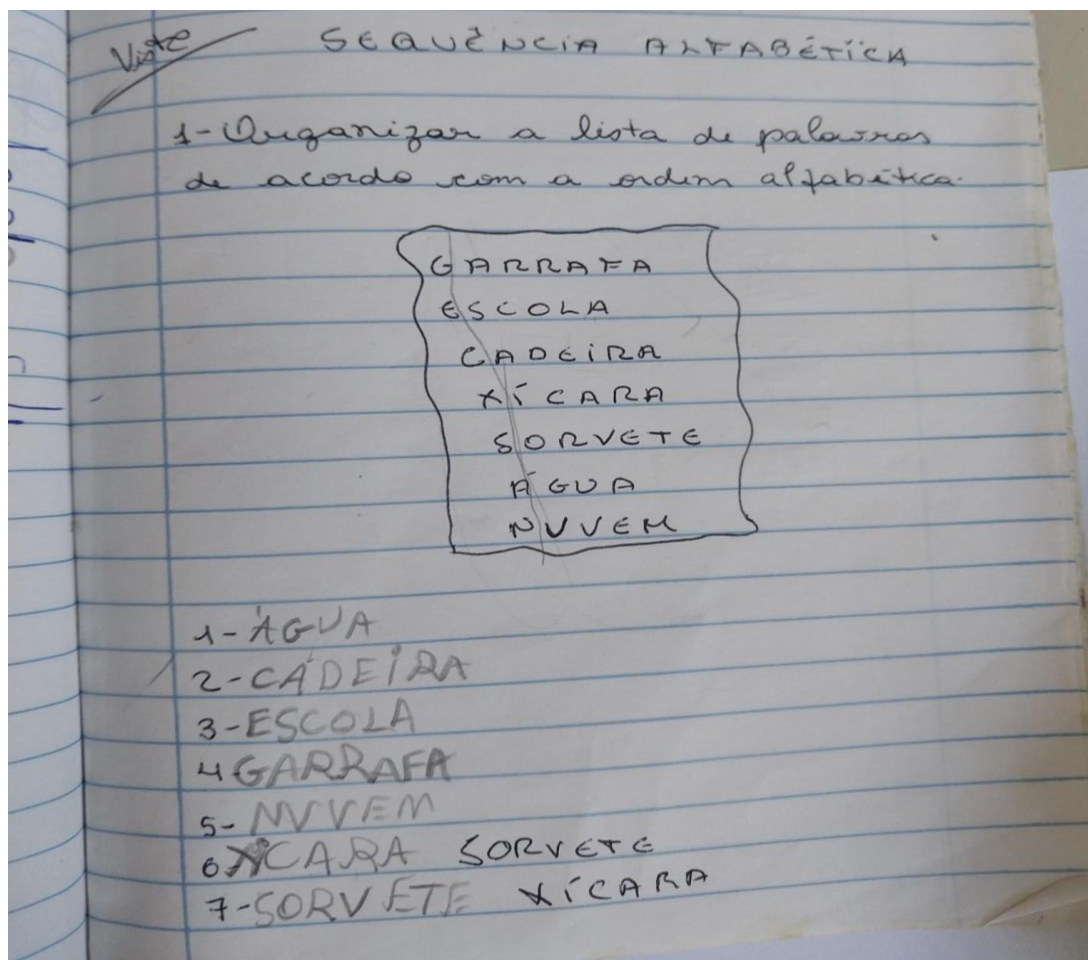


[Foto 5] Atividade de separação silábica, aluna Maria, dia 21/10.

Na imagem acima, é possível notar um avanço da aluna, em relação a segmentação das palavras em palavras maiores, o que ainda não tinha apresentado na atividade anterior.

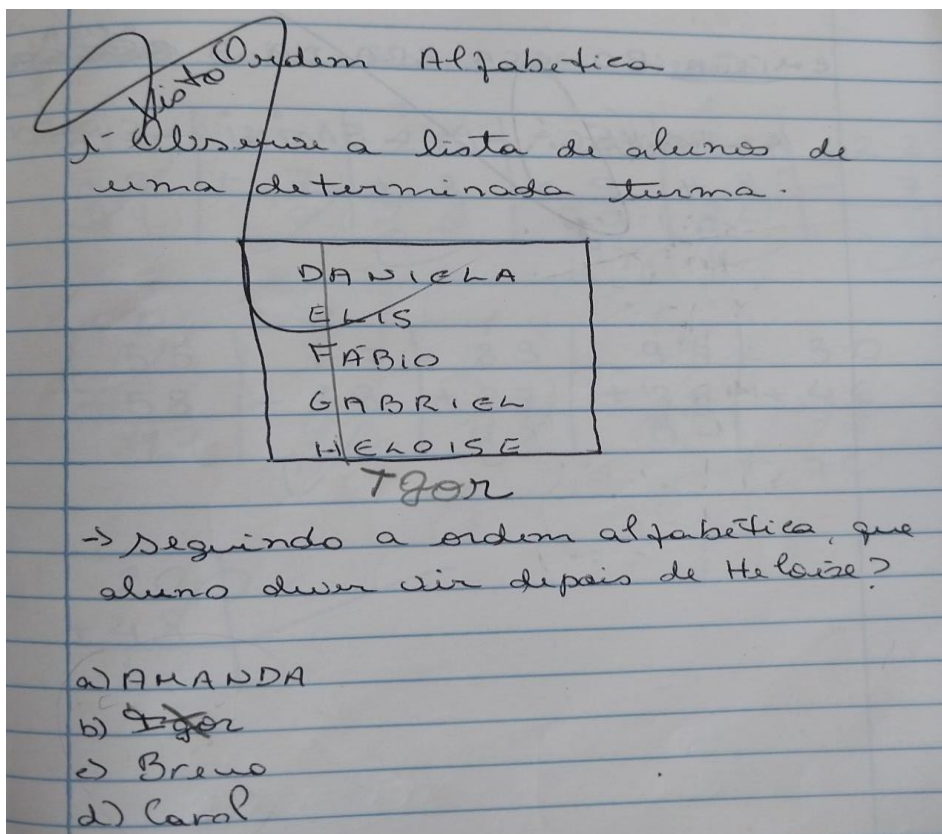
Logo abaixo, coloco algumas atividades sobre ordem alfabética. Essas atividades estão em um contexto em que previamente, a aluna já conhecia o alfabeto, e fizeram atividades mais “simples” e diretas, como “quem vem antes e quem vem depois” de determinada letra.

Após a realização dessas atividades mais básicas sobre ordem e sequência alfabética, propus diversas atividades envolvendo listas. Essas listas eram sobre os nomes deles e de colegas da sala, brinquedos que eles gostavam, lista de supermercado, enfim, listas com palavras que estivessem no contexto deles. Assim, o objetivo da atividade seria que eles colocassem essas palavras de acordo com a ordem alfabética, como é possível observar abaixo.



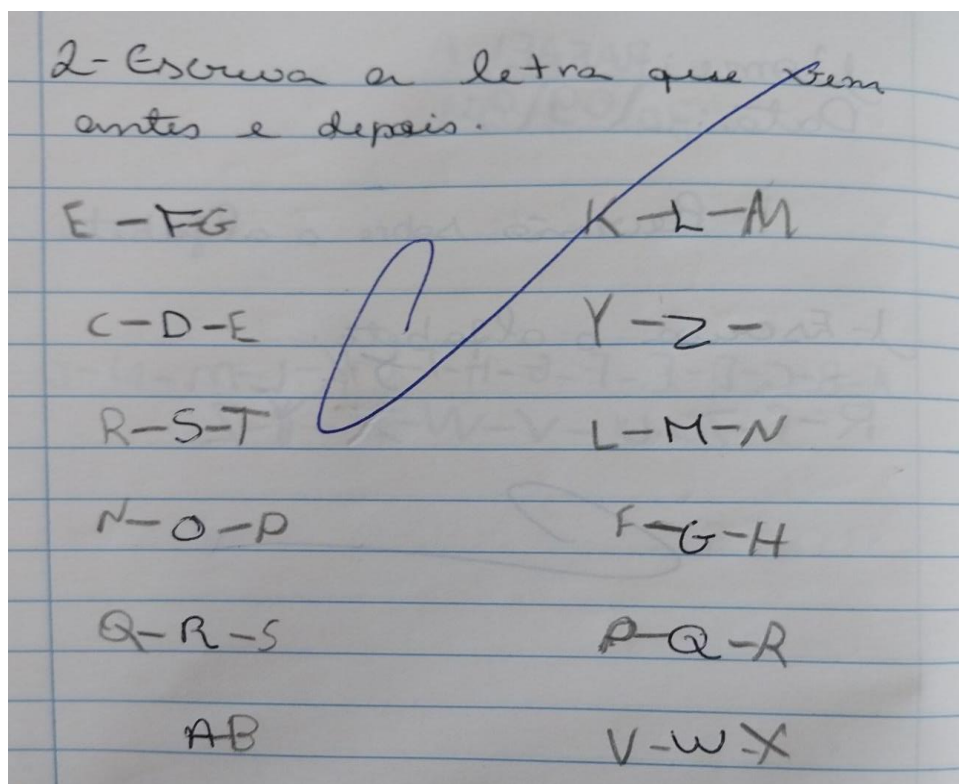
[Foto 6] Atividade ordem alfabética, aluna Maria, dia 30/09.

Na atividade acima, a aluna consegue organizar a lista de palavras seguindo a ordem alfabética, trocando apenas a ordem das últimas duas palavras.



[Foto 7] Atividade sobre ordem alfabética aluna Maria, dia 21/10.

Observando a atividade do dia 21/10, ainda sobre ordem alfabética, propus uma outra forma de se ter noção segundo essa habilidade, diferente da atividade anterior, em que propus que a aluna organizasse a lista de palavras, nesta atividade, pedi que ela lesse as palavras da lista e de acordo com as opções abaixo, selecionasse, qual nome deveria vir depois do último nome da lista, o que ela apresentou de forma excelente.

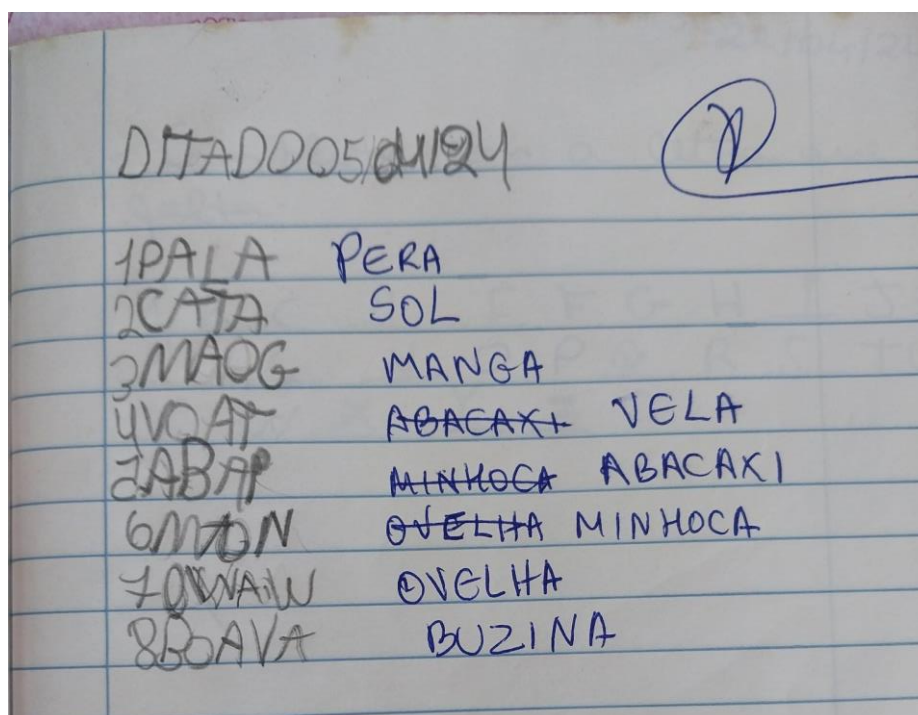


[Foto 8] Atividade sobre ordem alfabética, aluna Maria, dia 12/11.

As atividades de ordem e sequência alfabética, utilizadas acima, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da organização e sistematização do conhecimento linguístico. Ao trabalhar com a ordem alfabética, a aluna aprende a reconhecer e memorizar a disposição das letras, o que facilita a localização de palavras em dicionários, listas e outros recursos. Esse tipo de atividade também fortalece a compreensão da relação entre os sons e as letras, essencial para a alfabetização e o desenvolvimento da leitura e escrita.

Além disso, as atividades de sequência alfabética ajudaram a melhorar a habilidade de categorização e organização mental, pois exigem que a aluna perceba padrões e estabeleça relações entre as palavras. Isso também favoreceu o aprimoramento do vocabulário, já que a estudante se torna mais atenta às palavras que conhece e aprende novas palavras ao explorá-las de forma ordenada. Por fim, essas práticas contribuíram para a autonomia da aluna, permitindo-lhe manipular o alfabeto de maneira fluente, o que é um pré-requisito importante para o desenvolvimento de habilidades linguísticas mais avançadas.

Em seguida, é possível observar a progressão da aluna Maria em relação a escrita autônoma e ortografia das palavras, propondo atividades diagnósticas frequentes, utilizando ditado de palavras. Nas duas primeiras imagens é possível observar que a estudante se encontra no nível silábico.



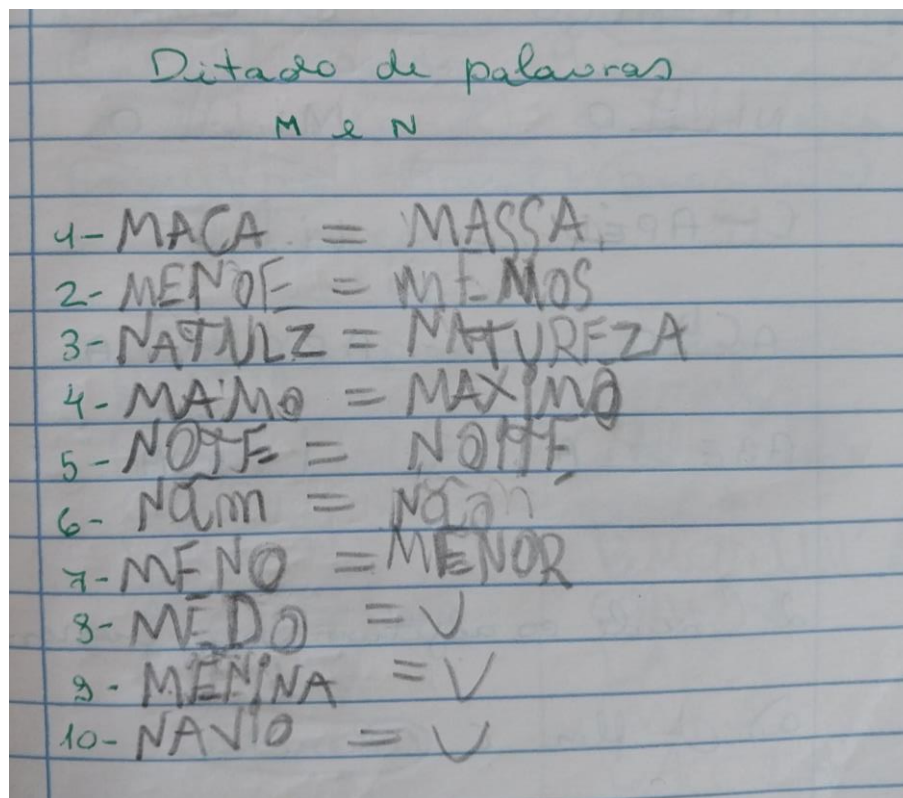
[Foto 9] Atividade diagnóstica dia 05/04, ditado de palavras.

Ditado de palavras com CH, LH e NH

1-COEA	COELHO
2-BOLACHA	BOLACHA
3-TRHO	TRABALHO
4-AHEA	ARANHA
5-OLHA	ORELHA
6-MOQNO	MINHOCA
7-CAECHA	CACHÊCOL
8-LHAF	VARINHA
9-LAFENA	GALINHA
10-CELA	LEGONHA
11-NOJA	PALHAÇO
12-DACO	UNHA
13-COAE	PIOLHO
14-LAE	ERVILHA
15-PORA	CHAVEIRO

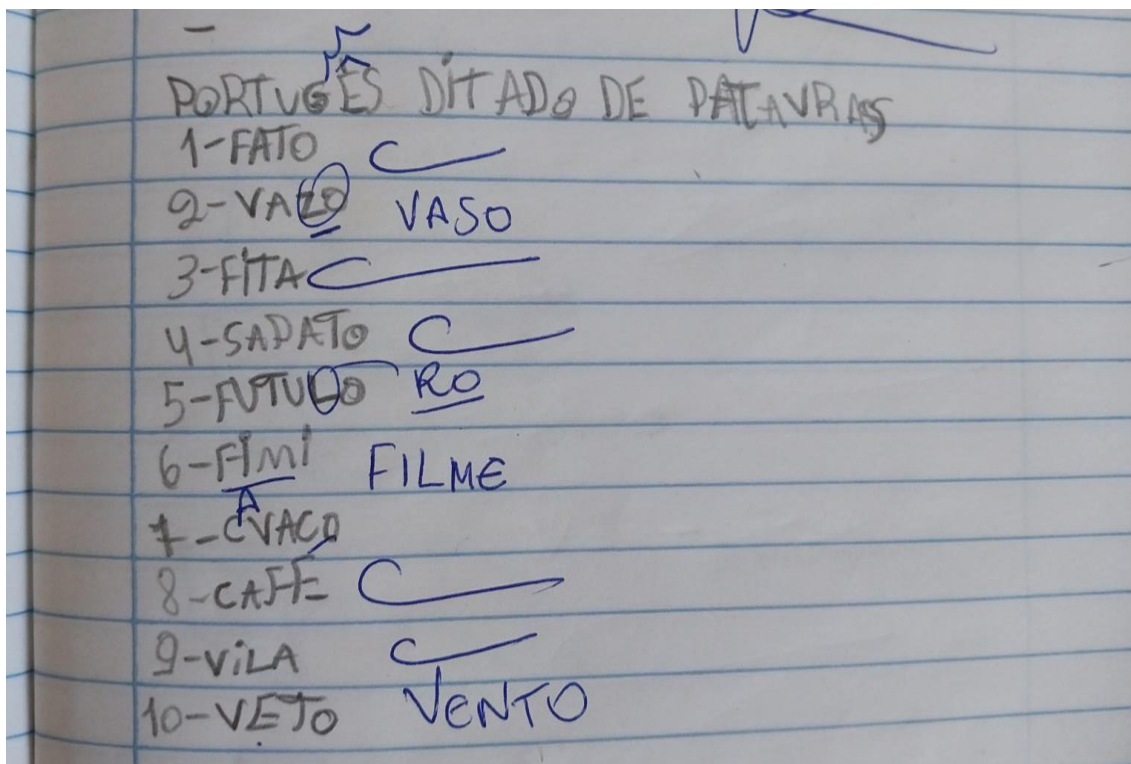
[Foto 10] Atividade diagnóstica dia 03/05, ditado de palavras, dígrafos CH/ LH/ NH.

Nas duas imagens acima, a aluna segue uma determinada quantidade de letras para cada palavra, porém, sem fazer a relação da letra-som.



[Foto 11] Atividade diagnóstica dia 23/08, ditado de palavras letras M e N.

Nesta atividade do dia 23/08, é possível notar o avanço da aluna em relação a habilidade de relacionar o grafema com o fonema. Ainda que apresente alguns erros, estes são de maneira e quantidade muito menor do que apresentados nas atividades anteriores. O que se repete na atividade posterior.



[Foto 12] Atividade diagnóstica dia 02/10, ditado de palavras.

Como podemos ver no registro das atividades acima, desde o início do ano, observou-se um avanço significativo na habilidade da aluna em relação à escrita correta durante as atividades de ditado de palavras. No início, a aluna apresentava dificuldades com a ortografia de palavras mais complexas, com frequentes trocas de letras e dificuldades em respeitar as normas gramaticais, o que é esperado nas primeiras fases de aprendizagem da escrita.

No entanto, ao longo do ano, foi possível perceber um progresso consistente. A aluna começou a demonstrar maior atenção à sonoridade das palavras e ao uso correto das letras, o que resultou em uma diminuição significativa dos erros ortográficos. Com o reforço das atividades de leitura, a compreensão dos diferentes contextos de uso das palavras também contribuiu para essa evolução.

Ao final do ano, a aluna apresentou uma escrita muito mais precisa, com poucos erros ortográficos, principalmente em palavras de maior dificuldade. Ela passou a conseguir distinguir melhor as combinações de letras e mostrar maior confiança nas palavras que, inicialmente, causavam dificuldades. O progresso é

notável não apenas na quantidade de erros cometidos, mas também na habilidade de revisar e corrigir sua própria escrita durante as atividades de ditado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta investigação foi compreender os desafios e as estratégias utilizadas no processo de alfabetização, focando especialmente nas dificuldades encontradas pelas crianças no desenvolvimento da consciência fonológica e na relação grafema-fonema. A pesquisa envolveu a análise de atividades de leitura, escrita e compreensão de textos, com o intuito de identificar as principais barreiras enfrentadas pelos alunos no processo de aprendizagem.

Ao longo deste percurso, foi possível perceber que as dificuldades não se restringem apenas ao reconhecimento de letras e sons, mas também à compreensão global do texto. Muitos alunos apresentaram dificuldades tanto na decodificação das palavras quanto na construção de sentido ao lerem textos simples. Essas observações reforçam a importância de um trabalho mais focado na consciência fonológica e na prática de leitura e escrita de forma contínua e contextualizada.

Essa experiência impactou profundamente minha vida pessoal e profissional. Atuando em sala de aula como estagiária e futura pedagoga, aprendi a importância da observação atenta e da adaptação das atividades de acordo com as necessidades dos alunos. No papel de alfabetizadora, percebi a relevância de desenvolver metodologias que estimulem a reflexão sobre o funcionamento da língua e favoreçam a construção de um conhecimento sólido e significativo. No papel de investigadora, adquiri um olhar mais crítico e reflexivo sobre a prática pedagógica, o que contribuiu para uma melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, a pesquisa me proporcionou uma compreensão mais profunda das dificuldades enfrentadas pelas crianças, algo que certamente influenciará minhas futuras práticas pedagógicas, me motivando a buscar sempre soluções criativas e eficientes para auxiliar meus alunos no processo de alfabetização. Acredito que, ao observar e compreender as necessidades individuais de cada criança, posso contribuir para um ensino mais inclusivo e eficaz, que leve em conta as especificidades de cada aluno.

Em síntese, este trabalho não só ampliou minha visão sobre a alfabetização, como também reforçou a importância de um olhar cuidadoso, investigativo e adaptável nas minhas futuras atuações como educadora.

REFERÊNCIAS

Base Nacional determina alfabetização até o segundo ano do ensino fundamental. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47191-base-nacional-determina-que-criancas-sejam-alfabetizadas-ate-o-segundo-ano-do-fundamental#:~:text=A%20Base%20Nacional%20Comum%20Curricular,aprender%20a%20ler%20e%20escrever.> > Acesso em: 20 de abril de 2024

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. BRASIL.

BORGES, Raquel Soares Do Nascimento. **Os reflexos da pandemia no processo de alfabetização de crianças que vivenciaram o ensino remoto emergencial.** 2024. Disponível em: < <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/4218> > Acesso em: 17 de março 2024.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

DAMASCENO, G. F. de L.; DIAS, I. M. S. da S. F.; CHAVES, E. R. **Recomposição da aprendizagem: caminho e/ou possibilidade através do programa mais PAIC.** *Epistemologia e Práxis Educativa - EPEduc*, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 01-17, 2022. DOI: 10.26694/epeduc.v5i3.3636. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/3636>. Acesso em: 17 mar. 2024.

GONÇALVES, A. V. **Alfabetizar: por onde começar?** In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta (orgs.). *Alfabetizar: por onde começar?* 1. ed. Campinas: Papyrus, 2015. p. 45-56.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GOULART, Cecília M. A. **Alfabetização em perspectiva discursiva.** A realidade discursiva da sala de aula como eixo do processo de ensino-aprendizagem da escrita. *Revista Brasileira de Alfabetização*. v.1, n.9 (jan./jun. 2019), Belo Horizonte: ABAIf, p. 60-78, 2019.

MOISES, Abraão Rafael Lima. PEREIRA, Venâncio Guedes. **Impactos da pandemia no processo de alfabetização nas escolas brasileiras: Um levantamento bibliográfico (2020-2022)**. Presente em **Dossiê Educação na Pandemia, Periódicos Revista Enfil**. Ed. v. 11 n. 17 (2023): EDUCAÇÃO NA PANDEMIA II. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/enfil/article/view/57444>> Acesso em: 17 de março 2024.

Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbdHtWhqjxMyZQ#> > Acesso em: 28 de abril de 2024.

Prefeitura abre 650 vagas de estágio para estudantes de licenciatura < <https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/prefeitura-abre-650-vagas-de-estagio-para-estudantes-de-licenciatura/> > Acesso em: 01 de junho de 2024.

QUEIROZ, M. de; SOUSA, F. G. A. de.; PAULA, G. Q. de. **Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. Ensino em Perspectivas, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1–9, 2021**. Disponível em: < <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6057>>. Acesso em: 17 de março 2024.

SANTOS, Cíntia Maria Seibert. DE JESUS, Mariana Santos. **Vivenciando práticas formativas no contexto da formação inicial de estudantes de pedagogia: o que nos dizem suas cartas pedagógicas**, presente no **III COLÓQUIO DOCÊNCIA E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Diferenças e desigualdades no cotidiano escolar**. (3.:2017: Salvador, BA). Acesso em: 23 de março de 2024

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos**. São Paulo: Pátio, 2003.

SOARES, Magda. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1. ed.; 2ª. reimpressão. São Paulo: Contexto editora. 2021.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. IDEB e SAEB 2023: análises estaduais e municipais. 2024. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2024/08/ideb-saeb-2023-analises-estaduais-e-municipais-todos-pela-educacao.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2024.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

5 pontos sobre a proposta da BNCC para alfabetização Disponível em: <<https://observatorio.movimentopelabase.org.br/5-pontos-sobre-a-proposta-da-bncc-para-alfabetizacao/#:~:text=Como%20consta%20na%20BNCC%3A%20%E2%80%9Cess es,entre%20grafemas%20e%20fonemas%2C%20saber>> Acesso em: 20 de abril de 2024.